

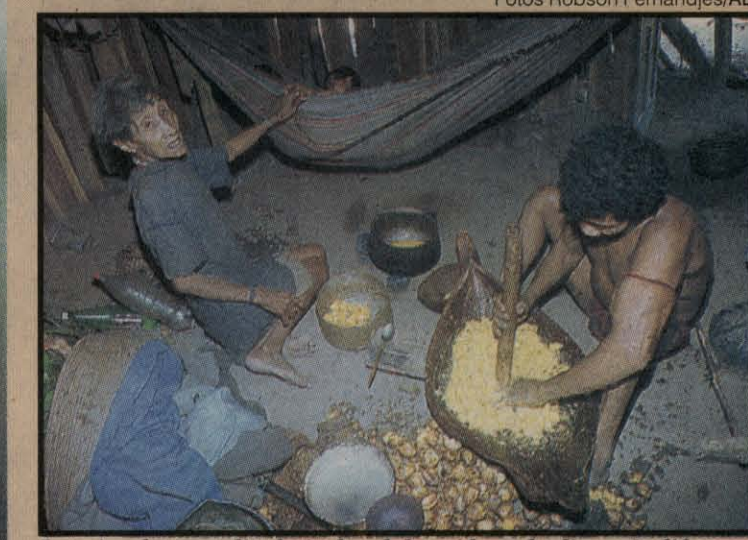
ESPECIAL

# REDESCOBRINDO O BRASIL

A 41.ª edição da série em comemoração aos 500 anos do Descobrimento traz o primeiro cultivo dos índios guajás, no interior do Maranhão, a única tribo brasileira que não conhecia a agricultura até o encontro com o homem branco. A repórter Rebeca Kritsch e o repórter fotográfico Robson Fernandjes mostram essa importante transformação, uma chance para a própria sobrevivência da etnia.



Mulher no trabalho: mudanças na divisão de funções entre os sexos



Interior da moradia, hoje de adobe: vida cada dia mais diferente



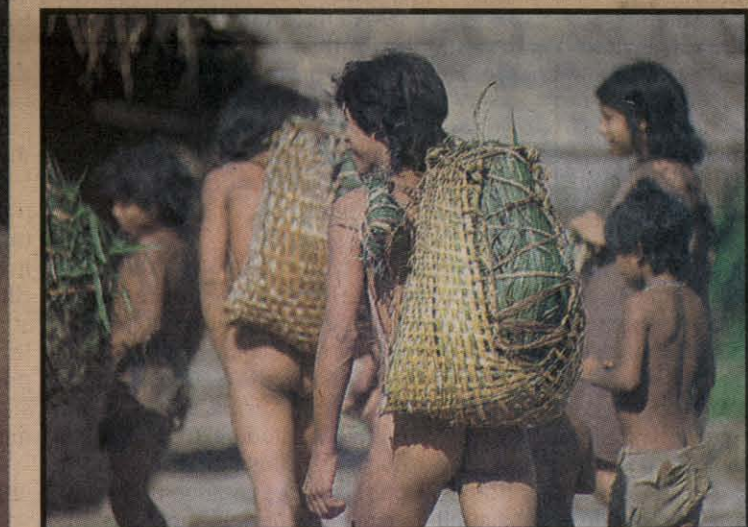
Meraketxiá, a mais velha: liderança informal

“Branco falou que pode fazer roça”  
 Txipatxiá, líder informal da tribo

“São o único grupo conhecido que tradicionalmente não pratica alguma forma de agricultura”  
 Mércio Pereira Gomes, professor da Universidade Federal Fluminense

“Eles foram obrigados a mudar porque seu território de caça e pesca começou a ser invadido”  
 Padre Carlo Ubbiali, do Conselho Indigenista Missionário do Maranhão

“É uma descaracterização da cultura, mas não necessariamente negativa; o brasileiro hoje conversa pela Internet, mas não é uma descaracterização que arrepia”  
 Gomes



Transporte da caça: carne é moqueada, para conservação

## Primeiro cultivo assinala transformação de tribo no MA

Único povo que não conhecia a agricultura, os guajás aprenderam a plantar e fizeram sozinhos sua roça de arroz, forçados a mudanças para salvar a etnia

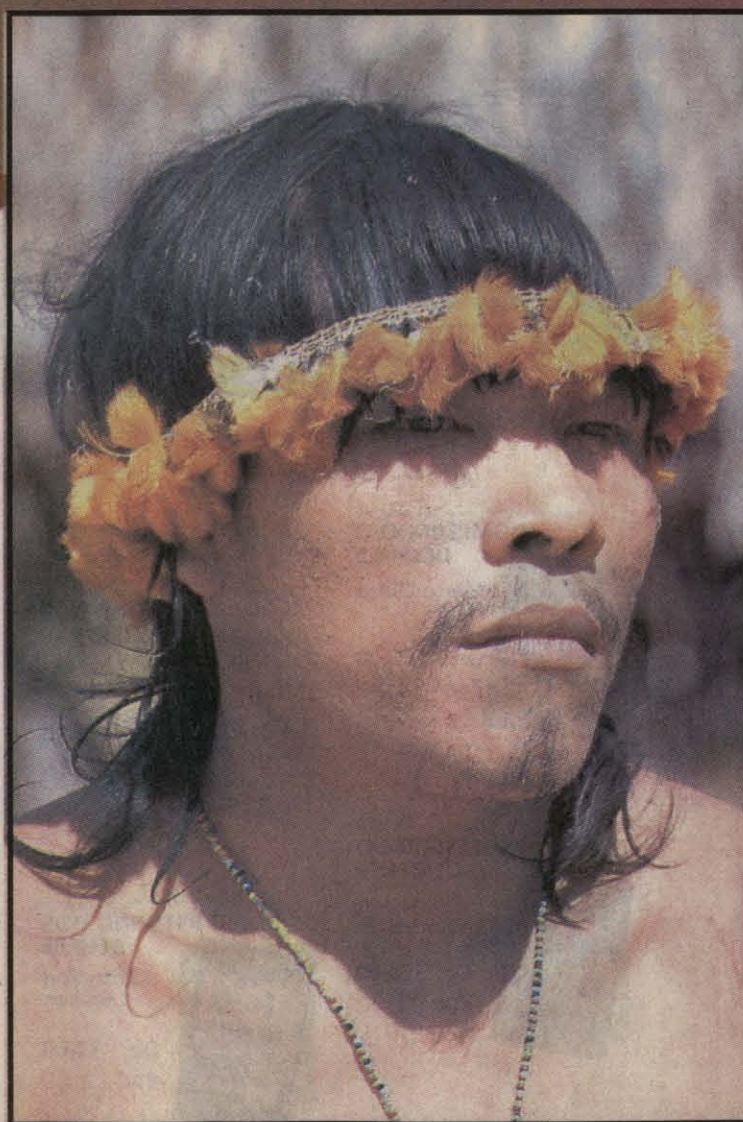
REBECA KRITSCH  
 beckyk@ibm.net

ÁREA INDÍGENA DO CARU (MA) – Pela primeira vez depois de mais de 20 anos do primeiro contato com não-índios, os guajás da Área Indígena do Caru, no Maranhão, fizeram sozinhos sua roça de arroz. Com isso, o único grupo indígena brasileiro que até encontrar o homem branco não conhecia a agricultura deu um sinal forte de assimilação de uma nova cultura. A modificação, para alguns, é parte de um processo histórico. Para outros, é a chance de salvar a etnia da extinção.

“Eles estão em um período de transição do nomadismo para o sedentarismo”, diz Renildo Matos dos Santos, de 33 anos, chefe do serviço de apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Santa Inês (MA).

Os guajás sempre foram caçadores e coletores. Longe dos não-índios, circulavam pelas matas, em grupos que podiam incluir de 5 a 30 pessoas, em busca de animais, frutos e peixes.

“São o único grupo conhecido que tradicionalmente não pratica alguma forma de agricultura”, diz o professor de antropologia Mércio Pereira Gomes, de 49 anos, da Universidade Federal Fluminense. Gomes estuda a cultura guajá desde 1975.



Haykaramuka: adultos ficam na mata caçando até três meses

vam, expulsando-os e ameaçando sua sobrevivência.

Em 1973, a Funai fez os primeiros contatos com os guajás, próximo ao Alto Turiuaçu. Em 1982, foram demarcadas na região duas reservas indígenas, Alto Turiuaçu e Caru, que os guajás passaram a dividir com as etnias ka'apor, timbira e guajajara. Até hoje uma terceira porção de terra, que uniria as duas reservas, destinada exclusivamente aos guajás, aguarda demarcação. Os

antropólogos acreditam que índios ainda sem contato habitam essa área. Mesmo as áreas já demarcadas sofrem invasões de ribeirinhos, fazendeiros e caçadores. Na beira da área Caru passam os trilhos da Ferrovia Carajás. Ao longo da estrada de ferro instalaram-se comunidades que muitas vezes ultrapassam os limites de seu território. O barulho dos trens também espanta a caça. “É preciso que a Funai se volte



Jovem com macaco: guajás têm muitos animais de estimação

mais para a proteção da reserva”, diz o chefe do posto Awá, na reserva Caru, José Antonio Damasceno da Silva, de 47 anos, que acaba de se aposentar e está deixando o cargo. “Faltam placas e um trabalho de conscientização dos ribeirinhos.”

Atualmente, as reservas abrigam 226 guajás, espalhados ao redor de quatro postos da Funai. Na unidade Awá moram cerca de 126. Mais da metade tem até 15 anos, segundo Silva.

Os primeiros guajás chegaram ao posto Awá em 1980. Todo ano viajam os funcionários da Funai pegando pá, enxada, foice e sementes para plantar. Nos primeiros dez anos, segundo Silva, participavam do trabalho esporadicamente. Na maior parte do tempo, apenas observavam.

“Eles viam as melancias e não tocavam nelas, não queriam”, conta o chefe do posto. “Também não faziam farinha de man-

### Nova divisão

de trabalho entre os sexos. Antes, os homens ainda continuam ajudavam a escolher o local do plantio, mas sem serem ajudados pelos servidores da Funai. No ano passado, pela primeira vez fizeram tudo sozinhos, segundo Silva. “Eles escolheram o lugar, pesaram as sementes, tudo sem nossa participação”, diz o chefe da colheita grande este ano se- rá de arroz, por decisão dos guajás. Mas alguns também plantaram milho, macaxeira, abóbora e mandioca, hoje incorporada à dieta. “Daqui pra frente a cultura deles vai ser bastante modificada”, afirma Silva.

Os neoe-agricultores trabalham na terra de julho a dezembro. Uma das mudanças culturais que a tribo trouxe para a etnia foi uma nova divisão de trabalho entre os sexos. Antes, os homens ainda continuam ajudavam a escolher o local do plantio, mas sem serem ajudados pelos servidores da Funai. No ano passado, pela primeira vez fizeram tudo sozinhos, segundo Silva. “Eles escolheram o lugar, pesaram as sementes, tudo sem nossa participação”, diz o chefe da colheita grande este ano se- rá de arroz, por decisão dos guajás. Mas alguns também plantaram milho, macaxeira, abóbora e mandioca, hoje incorporada à dieta. “Daqui pra frente a cultura deles vai ser bastante modificada”, afirma Silva.

dioca e não gostavam de comer”, dizem com cestas carregadas de carne moqueada (assada no moro quem, uma grelha de varas, para conservá-la).

“Os guajás ainda continuam ajudavam a escolher o local do plantio, mas sem serem ajudados pelos servidores da Funai. No ano passado, pela primeira vez fizeram tudo sozinhos, segundo Silva. “Eles escolheram o lugar, pesaram as sementes, tudo sem nossa participação”, diz o chefe da colheita grande este ano se- rá de arroz, por decisão dos guajás. Mas alguns também plantaram milho, macaxeira, abóbora e mandioca, hoje incorporada à dieta. “Daqui pra frente a cultura deles vai ser bastante modificada”, afirma Silva.

Na aldeia, a vida a cada dia fica mais diferente. Eles já cozinhavam em panelas de alumínio, e agora usam fogos de gás. Também começaram em casas de adobe, não mais de palha, e pescam com anzol. Mas mantêm a maioria das tradições. Por exemplo, a coletividade. O que se planta, caça ou pesca é repartido com todos. Não há pajé ou cacique. O casal mais velho da aldeia, Txipatxiá (pronuncia-se tipatxiá) e Meraketxiá, constitui atualmente uma liderança informal. A matriarca, que cria uma dicava-se exclusivamente de macacos nos fundos de casa. Um guajá não come o macaco, mas os filhotes quando estão prontos para a roça.

Na época da chuva, enquanto os filhos aguardam a lavoura medrar, os homens dedicam-se ao que conhecem melhor: a caça. Os homens, já adultos, com 15 anos aproximadamente, são chutados por adultos madamente, embrenham-se no mato, às vezes por dois, três meses. As uniões são decididas pelos pais quando os índios ainda são

crianças. Os prometidos passam a viver na mesma casa. Relações sexuais só ocorrem após a primeira menstruação. Os homens ainda andam nus, com o prepúcio amarrado. A maioria das mulheres e crianças usa roupas, uma forma de proteção contra os mosquitos que azucrinam o dia inteiro.

Os guajás também nunca ficam sozinhos. Se há um homem sem mulher, outro índio reparte a sua. E vice-versa. O arranjo, segundo os antropólogos, tornou-se mais comum depois do contato. Houve um declínio populacional. Nos primeiros anos, a proporção era de

três homens para uma mulher.

Nas noites de lua cheia, os índios ainda realizam rituais durante os quais dizem conversar com os antepassados e entidades espirituais. Não pintam o corpo, apenas adornam-se com penas. Batendo os pés com força, os homens alcançam o céu e incorporam espíritos. Voltam à terra, interagem com os presentes, e a pedido das mulheres retornam ao céu para buscar outras entidades. Segundo Santos, os homens também tomam um chá alucinógeno e sob o efeito dele “sonham” com os melhores locais para caçar. Os índios ainda não conhecem

o dinheiro e por enquanto plantam somente para o próprio consumo. Sob a orientação da Funai já começaram a colher cipó para vender fora da reserva. Está nos planos da instituição organizar a produção de óleo de copaíba. “Futuramente os guajás devem estar preparados para a vida econômica”, diz Silva. “Mas vamos fazer isso sem atropelar sua cultura.”

### Mudança compulsória

Para o padre Carlo Ubbiali, de 60 anos, do Conselho Indigenista Missionário do Maranhão, a transformação dos guajás em agricultores é um processo “com-

plúrio”. “Eles foram obrigados a mudar porque seu território de caça e pesca começou a ser invadido”, diz. “É uma coisa triste, um processo forçado, mas frente à situação atual tentamos dar respostas que não prejudiquem ainda mais, mas sim ajude.” As modificações introduzidas na cultura trouxeram problemas de saúde, segundo o religioso. A nova dieta alimentar causou anemia, principalmente entre mulheres e crianças. Também problemas na dentição. E o contato introduziu as moléstias de sempre, como gripe e malária. Quando o reportagem do Estado visitou o posto Awá, 12 índios tinham a doença. A mortalidade infantil, porém, diminuiu.

Agora que sabem plantar, os guajás vão aprender português. “Uma das dificuldades para eles é não ter condições de se comunicar”, diz Ubbiali. O Cimi e a Funai estão começando a organizar as primeiras classes, de adultos. “O objetivo é preparar lideranças.” Quem tiver mais habilidade, receberá, com a língua, a missão de ensinar os companheiros. Por enquanto, a comunicação é difícil. “Branco falou que pode fazer roça”, diz Txipatxiá, em português, sobre a vida de agricultor. É isso é tudo que consegue expressar na língua que a maioria dos brasileiros fala.

Com os mais jovens, os funcionários da Funai trocam palavras, em português e tupi-guarani, a língua dos guajás. Mandioca, roça, txipá (que significa ao mesmo tempo pai e marido), cunhá, macaco e mais meia dúzia de termos de um universo lin-

güístico muito limitado. A comunicação se dá sobretudo por gestos e imagens. Os guajás se esforçam. Como atesta o padre Ubbiali, são inteligentes. E muito bem-humorados. Riem entre eles e com os brancos, ainda que não entendam muito bem o que se passa. São curiosos e abertos ao contato. Vêm a máquina fotográfica e começam a posar. Oferecem-se para encenar a volta da caçada, comem para as mulheres e crianças. Também tocam nas pernas. Em instantes esquecidas no colo, e deixam um inestimável cheiro de mandioca misturada com suor. Tocam a pele, o cabelo, aninham-se no peito, sem medo.

### Sem arrepio

Para o professor Gomes, os índios estão atravessando um processo histórico “quase inevitável” de relacionamento com a sociedade brasileira. Mas não empurrados pela falta de recursos. “Não é um processo necessário”, diz. “Ainda tem muita mata.” De acordo com Gomes, a passagem de caçador para agricultor “é uma descaracterização da cultura, mas não necessariamente negativa”. Ele compara a modificação do cotidiano dos índios com a invenção da rede mundial de computadores e seu impacto no comportamento do homem. “O brasileiro hoje conversa pela Internet”, argumenta. “Não é uma descaracterização que arrepia.” (Colaborou Félix Alberto Lima, especial para o Estado, de São Luís.)

Toda a série está disponível na NetEstado ([www.estado.com.br](http://www.estado.com.br))



Limpeza da plantação: grande colheita este ano será de arroz, por decisão da própria tribo